



MEMÓRIAS, PERCEPÇÕES E DISCUSSÕES DOS DISCENTES SURDOS DO CURSO DE LETRAS-LIBRAS DA UFERSA CAMPUS CARAÚBAS

Italo Santos Ferreira¹
Talita Melquíades da Silva²
Mifra Angélica Chaves da Costa³
Francisco Ebson Gomes-Sousa⁴

RESUMO

As narrativas autobiográficas são muito importantes para que seja possível refletirmos sobre os processos de vida a qual passamos, como nossas relações pedagógicas, percepções, memórias e saberes adquiridos durante o processo formador humano e social. Nessa perspectiva, a pesquisa busca analisar como os discentes surdos compreendem sua formação acadêmica, percepções sobre as metodologias, as relações interpessoais entre o aluno-aluno e professor-aluno, conteúdos, memórias e contribuições do curso para a sua vida pessoal e acadêmica. Os discentes surdos da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), curso de Letras-Libras do Campus Caraúbas, narram suas experiências e vivências dentro do ambiente educacional de formação superior na pesquisa ainda em andamento. O embasamento teórico está pautado em Quadros (2006); Halbwachs (1990); Josso (2009); Passeggi (2011); Perlin (2014); Souza (2007); Strobel (2014). A metodologia é de abordagem qualitativa, pesquisa autobiográfica, de memória, narrativas sinalizadas e entrevistas semi-estruturadas. Os sujeitos da pesquisa são catorze discentes e egressos do curso de Letras Libras da UFERSA. O lócus da pesquisa é na UFERSA campus Caraúbas-RN. A pesquisa aponta um sistema educacional em processo, que afirma uma necessidade de desenvolvimento quanto ao acesso educacional dos sujeitos surdos, que por sua vez são marcados memórias que apresentam uma trajetória de dificuldade tanto na formação acadêmica quanto na formação social.

Palavras-chave: (Auto) formação. Surdo. Ensino superior. Letras Libras. Pesquisa autobiográfica.

INTRODUÇÃO

A educação é uma etapa importante na formação humana e social dos sujeitos Surdos, para isto se faz necessário ter garantias quanto ao acesso à aprendizagem para que eles possam desenvolver-se quanto cidadãos autônomos na sociedade. Nesse sentido, esta pesquisa nasce do anseio em conhecer as trajetórias educacionais de alunos surdos do curso de Letras- Libras da Ufersa quanto a sua formação no Ensino Superior, tendo em vista o ingresso à universidade,

¹ Graduando do Curso de Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) - RN, italosf98@gmail.com;

² Graduada do Curso de Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) - RN, talitamelquiades95@gmail.com;

³ Professora da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Mestra em Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – RN. E-mail: mifra@ufersa.edu.br;

⁴ Professor: Mestre do curso de Licenciatura em Letras Libras pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA); Doutorando em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: ebson.gomes@ufersa.edu.br.

que é um dos objetivos dos estudantes do Ensino Médio, porém, muitos desses acessos são dificultados, muitas vezes, pela falta de um processo de escolarização de qualidade e voltado para a particularidade linguística do público surdo.

É importante destacar que a educação de surdos é assegurada pela Lei nº 10.436/2002, a qual reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua de comunicação e expressão dos sujeitos surdos, e que os espaços sociais devem garantir a acessibilidade destes sujeitos em sua língua oficial. Além disso, dispõe que o surdo deve aprender a Língua Portuguesa (LP) na modalidade escrita (Brasil, 2002). Apesar da vigência da Lei, ainda, nos dias atuais nos deparamos com uma realidade oposta à legislação, onde muitos sujeitos sofrem pelas inúmeras barreiras linguísticas que os impedem que tenham acesso à educação em sua língua de direito, a Libras.

A formação do sujeito surdo tem desencadeado diversas pesquisas, com intuito de compreender como se dá a formação dos sujeitos, nesse sentido, pensar no sujeito quanto narrador de sua história, através das suas lembranças, podem ser um registro importante para entender os processos que envolvem o desenvolvimento dos surdos quanto a sua educação e formação social, tendo em vista todas as dificuldades que são encontradas durante seu percurso formador, que impactam diretamente o desempenho dos indivíduos e retardam ainda mais seu processo de aquisição de linguagem, além do acesso tardio aos conteúdos em sua língua materna, a Libras.

Nesta perspectiva, o objetivo geral desta pesquisa é analisar como os discentes surdos compreendem sua formação acadêmica, percepções sobre as metodologias, as relações interpessoais entre o aluno-aluno e professor-aluno, conteúdos, memórias e contribuições do curso para a sua vida pessoal e acadêmica. Como objetivos específicos almejamos 1) conhecer como ocorre o auxílio aos alunos surdos na educação básica; 2) Saber o percurso do discente surdo desde o seu ingresso até perspectivas de conclusão do curso; 3) Conhecer as memórias, contribuições do curso superior para a sua vida pessoal e profissional; 4) Discutir como os alunos surdos do curso de Letras-Libras percebem o curso e sua formação acadêmica.

A pesquisa autobiográfica, de abordagem qualitativa, foi realizada através de entrevistas, narrativas sinalizadas, memórias dos discentes surdos do curso de Letras-Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), campus Caraúbas/RN. O embasamento teórico está pautado em Quadros (2006); Halbwachs (1990); Josso (2009); Passeggi (2011); Perlin (2014); Souza (2007); Strobel (2014).

As narrativas autobiográficas de memórias traz uma importante reflexão sobre as trajetórias as quais os sujeitos surdos estão inseridos, sendo possível verificar os pontos

positivos e negativos que impactaram na nossa formação acadêmica e social, sendo possível, a partir de análises, compreender como os sujeitos entendem a si e a seus processos, e assim, contribuindo para que a sociedade tenha uma visão mais clara sobre a formação humana dos sujeitos, que por sua vez são influenciadas por ações humanas que oportunizam ou não vivências fundamentais para a formação social e acadêmica destes, uma vez que a memória/lembranças são marcadas no íntimo dos sujeitos, e entendê-las podem conscientizar a sociedade a auto-avaliar-se quanto aos seus comportamentos sociais, humanos, culturais e políticos.

Na próxima seção será apresentado a metodologia desta pesquisa, que tem como finalidade apresentar os percursos metodológicos que auxiliaram esta pesquisa. Depois, será apresentado o referencial teórico, que consiste em três tópicos principais intitulados por: *A formação histórico-social dos sujeitos surdos*, que mostra o percurso histórico da educação de surdos; em seguida, *Memória e construção social dos sujeitos*, que relata sobre a formação social e a importância das vivências e das memórias na construção dos indivíduos e por último *Memória e seus reflexos na formação acadêmica dos sujeitos surdos* que aborda a formação dos indivíduos surdos na academia e a relevância de suas experiências que auxiliam na formação social, política e humanizadora.

METODOLOGIA

Para os procedimentos metodológicos deste trabalho, utilizaremos do método de pesquisa autobiográfica, pois parte da utilização de narrativas sinalizadas para compor o corpus da pesquisa, para isto, utilizamos de entrevistas semi-estruturadas que segundo Severino (2014), são aquelas em que as questões são estabelecidas previamente, com uma articulação interna, a quais possuem questões diretas, do universo de sujeitos, com respostas que são facilmente categorizadas, sendo assim um procedimento útil para o desenvolvimento de levantamentos sociais.

Utilizamos também uma abordagem qualitativa, pois se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, de motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes (MINAYO, 2014). Sendo assim, o trabalho foi elaborado a partir de um estudo de narrativas semi-estruturadas, a quais possuíam 14 alunos surdos do curso de Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-árido (UFERSA), campus Caraúbas/RN, onde os participantes surdos tinham o seguintes status quanto a seu processo de formação no ensino superior: 1) **03 alunos egressos** (formados); 2)

02 alunos que se evadiram (com trancamento de curso) e; 3) **09 alunos em formação**. Atualmente, com a pesquisa em andamento, foi possível entrevistar 8 dos alunos por meio de entrevistas individuais e presenciais em uma sala de audiovisual do curso de Letras Libras.

Para a escolha destes sujeitos foram utilizados de um formulário, a partir da ferramenta *Google Forms* (Formulário Google), onde elaboramos perguntas pertinentes a participação e aceitação desses sujeitos na pesquisa. Para tal, utilizamos textos em Língua Portuguesa e também em Libras (Língua Brasileira de Sinais) para garantir a acessibilidade do sujeito quanto a sua língua de direitos, assim como a possibilidade de escolha sobre a língua que gostaria de usar para ter acesso às informações conforme prevê a Lei 10.436/02 (Brasil (2002)). No formulário dispomos, também, do termo de aceite quanto a utilização das narrativas sinalizadas durante o processo de pesquisa.

A pesquisa ocorreu no âmbito da UFERSA, no LabVisual, laboratório audiovisual, um espaço previamente organizado para receber os discentes surdos para entrevistas individuais, as quais foram registradas a partir de gravações de vídeos e, posteriormente, tradução interlingual⁵ de Libras para a Língua Portuguesa para análise dos dados obtidos.

A FORMAÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL DOS SUJEITOS SURDOS

Os sujeitos surdos, ao longo da história foram silenciados quanto aos narradores de sua própria história, o que gerou diversas narrativas contadas, a partir das perspectivas do povo ouvinte. Uma nova investigação pela história cultural dos sujeitos surdos não são uma tentativa de apagar as narrativas dos sujeitos ouvintes na tentativa de oprimir outra cultura, mas dar direito aos sujeitos a contar sua história a partir de sua visão, para que seja trazido à tona novos fatos sobre a formação cultural e histórica da comunidade surda, como comenta Perlin & Strobel (2014):

Anular o passado e requerer o presente se mostrou como artefato cultural para os surdos. Um passado imerso na obrigação de serem ouvintes e, em função disto, aceitar que os outros fizessem a sua história, os dominassem, se tornou a marca mais deprimente. Diante disto, surgem novos feitos e novas interpretações no cotidiano. Neste sentido, se prosseguirmos com as velhas realidades, narradas como que no tempo colonial, perigamos escrever uma história de holocausto, de dominação, de lamentos. Mas não é por aí... Temos outros caminhos que, mesmo desconhecidos, merecem ser trazidos à tona, vivenciados e narrados por constituírem a genuína história natural e cultural dos surdos. (Perlin & Strobel, 2014, p. 17)

⁵ Segundo Jakobson (2007) A tradução interlingual, ou tradução propriamente dita, é aquela cujo ocorre de uma língua fonte para uma língua alvo, onde há uma interpretação dos signos verbais por meio de uma outra língua. Para saber mais acesse: <https://encurtador.com.br/MR459>

De fato, a história cultural dos sujeitos surdos possuem outros caminhos que narram uma trajetória de lutas e conquistas que trazem uma significação para os sujeitos surdos dentro da sociedade, que são “a busca por educação bilíngue, por políticas para a língua de sinais no Brasil, pela abertura das portas das universidades, por posições de igualdade, por ter intérpretes de língua de sinais e por serem válidos os nossos direitos.” (Perlin & Strobel, 2014, p. 20). Essa interpretação dos fatos, trazem uma valorização aos sujeitos, tendo em vista que oportuniza um lugar de fala para os surdos, o que valoriza a sua cultura, os seus hábitos, suas garantias e movimentam questões históricas narradas pelos próprios sujeitos.

Sabe-se que a formação do sujeito surdo tem uma trajetória cuja são marcadas pela presença de outra cultura, a dos ouvintes, assim colocando barreiras sociais no desenvolvimentos dos sujeitos surdos quanto ao acesso a sua língua de direito⁶, o seu desenvolvimento cultural e social. Segundo Perlin & Quadros (2006) os surdos por muitos anos foram estereotipados como sujeitos inferiores, o que ainda, hoje, muitos ainda possuem o pensamento arcaico e retrógrado, que não conhece a cultura e o sujeito surdo, e assim, gera ações onde oprime e exclui o indivíduo surdo da participação social, favorecendo o fortalecimento de uma visão de que estes sujeitos não conseguem, que são incapazes de aprender e conviver em sociedade. Infelizmente ainda há esse tipo de concepção, mas que elas podem ser mudadas através da educação e das lutas sociais, que ajudam a conscientizar e romper com essa ideologia equivocada, pois estes, os Surdos, são sujeitos capazes de ser o que desejarem.

De fato, acontecimentos como uma visão preconceituosa existem dentro dos espaços sociais, principalmente quando os sujeitos que estão interagindo possuem uma cultura diferente, já que os “ouvintes nascem no povo ouvinte e adquirem a experiência de ouvintes” (Perlin & Quadros, 2006, p.70), essas experiências causam um certo estranhamento ao deparar-se com uma cultura que utiliza de canais comunicativos diferentes, sendo o ouvinte oral-auditivo e o surdo visual-espacial. Essas diferenças, por muito tempo, criaram barreiras quanto ao reconhecimentos e aceitação dos sujeitos surdos e de sua cultura como pertencentes à sociedade.

Refletir sobre a educação e formação social dos sujeitos surdos na atualidade faz-se necessário para que venhamos a conhecer o desenvolvimento dos sujeitos na sociedade, principalmente nos ambientes escolares, que influencia diretamente na formação do surdo, oportunizando a conquista de espaços sociais com melhores condições. Além disso, é imprescindível evidenciar a luta pelos direitos culturais e sociais culminaram na participação

⁶ A língua de direito do surdo é a Libras, sendo garantida pela Lei 10.436/2002.

dos sujeitos surdos nos espaços de formação docente para que as crianças surdas pudessem desfrutar do ensino-aprendizagem com pessoas pertencentes a cultura surda, assim, valorizando a formação da identidade surda, já que “a comunidade surda tem características que começam a firmar-se na sua convivência social”. (Miorando, 2006, p.78).

Ainda assim, atualmente podemos verificar o desenvolvimento da comunidade surda quanto a sua participação social, e ainda, perceber um desenvolvimento quanto a conscientização da comunidade ouvinte, o que reflete diretamente na aceitação dos surdos em diversas esferas sociais.

Estamos convencidas de que na linguagem das relações atuais já não existe uma afirmação tão plena de exclusão entre surdos e ouvintes. Os ouvintes, conhecendo o outro surdo, já apresentam outras narrativas a respeito. Ao ver em diferentes espaços que a diferença e que outras tramas discursivas estão sendo delineadas, estamos vivenciando um outro tempo, um outro espaço. As novas linguagens da crítica teórica se impõem nos meios sociais refletindo novas narrativas que envolvem esferas que repercutem na sociedade exercendo influência cultural na atualidade. (Perlin & Quadros, 2006, p. 175)

Atualmente, os confrontos sociais entre surdos e ouvintes estão cada vez mais diminuindo, isso se dá pelo avanço social e a aceitação de uma outra cultura que interage diretamente na sociedade de forma ativa, já que exerce um papel fundamental na formação, comunicação e desenvolvimento dos sujeitos surdos e que gera interação nas mais diversas comunidades.

MEMÓRIA E CONSTRUÇÃO SOCIAL DOS SUJEITOS

As memórias são registros de vivências que possuem um significado importante, pois elas influenciam na construção social do sujeito. Pollack (1992) explica que as memórias podem ser acontecimentos ligados a um lugar específico, onde estão ligados a uma lembrança individual e pessoal ou elas podem desencadear acontecimentos cronológicos independentes da data de acontecimento. Vale ressaltar que as memórias podem ser construídas a partir de experiências individuais e coletivas, sendo essas interações fenômenos que constituem o ser social dos sujeitos.

É importante destacar que a formação social caminha diretamente com a formação de identidade do sujeito, que por sua vez constitui-se a partir do alinhamento das memórias, que ocorre semelhante a um enquadramento, onde há o trabalho da própria memória em si, ou seja,

cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, coerência, de unidade, de continuidade da organização. (Pollack, 1992).

A memória é um mecanismo humano que constitui a formação quanto indivíduos que permanecem em constante movimento, onde as relações humanas são construídas através das percepções quanto às memórias que são registradas, processadas e guardadas pelo nosso cérebro. Nisto podemos comparar as memórias/lembranças com a de um profissional oleiro⁷, a qual molda seus objetos e os definem segundo aquilo que está em suas percepções e lembranças, para que ali possa externar através da argila seu trabalho.

Quando falamos em construção humana através das memórias logo nos remetemos a marcas em nosso íntimo, onde são dotadas de conexões que muitas vezes são esquecidas do nosso dia a dia, sendo essas arrastadas pelas avalanches de outras lembranças que constrói toda uma narrativa atemporal ou cronológica, ou seja, as construções podem ser retomadas a todo instante, inserindo ou não novos elementos, ou, pode somente seguir um fluxo linear.

A memória é escrita num tempo, um tempo que permite deslocamento sobre as experiências. Tempo e memória que possibilitam conexões com as lembranças e os esquecimentos de si, dos lugares, das pessoas, da família, da escola e das dimensões existenciais do sujeito narrador. (Souza, 2007, 64)

Souza (2007), destaca que a escrita das memórias podem ser deslocadas no tempo, e esses deslocamentos possibilitam conexões com diversas lembranças, dando lugar a um sujeito narrador, que traçará interconexões de lugares, pessoas, escolas, entre outros sujeitos. Nesse sentido, podemos dizer que a memória atua diretamente na formação dos sujeitos, já que as conexões que ela permite construir reflita nas ações e tomadas de decisões dos indivíduos.

MEMÓRIA E SEUS REFLEXOS NA FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS SUJEITOS SURDOS

A trajetória da formação acadêmica dos sujeitos surdos são construídas a partir de suas vivências educacionais e seu cotidiano social, ou seja, a partir de suas interações dentro e fora dos espaços escolares, levando em consideração que as experiências pessoais e interpessoais desenvolvem o sujeito para que ao adentrar no ambiente escolar possua vivências cujo ajudará no seu desenvolvimento acadêmico.

⁷ Fabricante de objetos de barro (louças, telhas, tijolos etc.); aquele que trabalha em olaria.

As vivências colaboram para a nossa formação, porém nem todas as experiências são processadas e armazenadas, sendo possível sua utilização, mas ao mesmo tempo em que isto ocorre, há outros momento em que essas interações podem ser (re)elaboradas em nosso cérebro, criando novas perspectivas e significados, contribuindo para a sua formação quanto ao conhecimento de mundo, conforme explica Josso (2009):

As vivências constituem o tecido do nosso cotidiano. Nem sempre estas vivências ficam na nossa memória ou propiciam uma ocasião de aprender qualquer coisa recente que vai ficar, enquanto recurso novo, daqui para frente. Pode ser uma ideia nova, um comportamento novo, um saber-fazer num campo de atuação consigo mesmo, com os outros, em situações específicas, com O caminhar para si: uma perspectiva de formação de adultos e de professores objetos ou máquinas. (Josso, 2009, p. 136)

As vivências constituem-se posteriormente em memórias que marcam o íntimo do sujeito, onde agregam valores que refletem na formação do sujeito, sendo está íntima e peculiar de cada indivíduo contextualizada com seus campos de vivência ao longo de sua vida, como explica Souza (2007, p.63):

Quando invocamos a memória, sabemos que ela é algo que não se fixa apenas no campo subjetivo, já que toda vivência, ainda que singular e auto-referente, situa-se também num contexto histórico e cultural. A memória é uma experiência histórica indissociável das experiências peculiares de cada indivíduo e de cada cultura. (Souza, 2007, p. 63)

Sendo a memória indissociável dos processos de formação dos indivíduos, podemos compreender que a formação dos Surdos estão ligadas diretamente às suas lembranças, já que ela traz consigo uma reflexão dos processos aos quais passamos para conseguirmos as conquistas sociais, como a formação acadêmica. Nesse sentido, é importante mencionar que as memórias podem funcionar dentro do sistema social como uma virada importante na vida social dos indivíduos, pois carregam consigo marcas positivas, fatos ou ações que contribuíram para o desenvolvimento humano-social, ou negativas, que provocaram ou não incidências que prejudicaram desenvolvimento dos indivíduos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa iniciou na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), localizada na cidade de Caraúbas, situada no interior do Estado do Rio Grande do Norte. AA UFERSA, Campus Caraúbas-RN, tem como finalidade formar profissionais qualificados nas áreas da Tecnologia, Licenciatura e Engenharia. Para a pesquisa foi possível entrevistar 8 colaboradores surdos, cujo perfil são 7 alunos com *status* de cursando e 1 com de formando. Os alunos em

questão são oriundos das seguintes cidades: Caraúbas/RN, Mossoró/RN, Campo Grande/RN, Apodi/RN e Pau dos Ferros/RN. As entrevistas ocorreram no laboratório audiovisual, um espaço organizado previamente para que os alunos pudessem sentir-se acolhidos para narrar suas experiências de vida, sendo aquele local um espaço de escuta e interação para que os sujeitos surdos pudessem apresentar suas narrativas.

No primeiro momento da entrevista, a qual iremos discutir neste artigo, procuramos destacar as **subjetividades e as vivências** do sujeito surdo, para isto topicalizados e organizamos perguntas que estavam em torno das seguintes temáticas: 1) ser surdo; 2) compreensões sobre o ser surdo e ouvinte; 3) Aprendizagens sobre a Libras; 4) Desafios na escolaridade (ensino infantil, fundamental e médio); 5) Acessibilidade para além da escola. Essa estruturalização permitiu que durante o momento de escuta pudéssemos ajudar o sujeito surdo na condução de suas memórias, uma vez que as perguntas o levaram a pesquisar mais e mais no seu íntimo de lembranças.

O primeiro questionamento realizado aos colaboradores foi como eles se identificam como: Surdo, Ouvinte ou Deficiente Auditivo (D.A). A resposta unânime foi que todos se consideram Surdos. Todos têm uma identidade formada e em constante construção de ser Surdo, de se comunicar e se expressar através da Libras, de estar com os surdos e lutar pelos direitos da comunidade. É importante destacar que esse processo de construção da identidade do sujeito surdo, foi consideravelmente longo para muitos dos surdos participantes, tendo em vista que o reconhecimento desta identidade se dá através do acesso à língua de sinais da cultura surda.

Em seguida tivemos mais um questionamento sobre as aprendizagens na aquisição da Libras e a maioria dos colaboradores desenvolveram suas habilidades na língua no contexto escolar ou em contato com outros surdos em espaços não escolares como as associações. Os alunos surdos também relataram as dificuldades e barreiras enfrentadas durante o processo educacional, dos anos iniciais até a graduação. De modo geral, passaram por dificuldades comunicativas com colegas de classe, professores e demais profissionais do meio educacional, isolamento social e prejuízos educacionais em diversas disciplinas devido ao métodos de educação voltado para o ouvintismo⁸, método este ultrapassado tendo em vista é um sujeito que interage com a sociedade, e busca o seu desenvolvimento informacional como qualquer outro sujeito pertencente a sociedade, conforme coloca Martins (2016, p. 25), quando explica que

⁸ Segundo a pesquisadora Skiliar (1998) o ouvintismo é um conjunto de representações da comunidade ouvinte, na qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como ouvinte.

“dentro da sociedade em que vivemos os Surdos são sujeitos que interagem com a sociedade, que consomem produtos e ideologias, que se manifestam nas redes sociais, que buscam informação e conhecimento ao clique de um mouse”.

Nesse sentido, é necessário que as metodologias utilizadas dentro dos espaços escolares contemplam os mais diversos perfis de alunos presentes em sala de aula, o que não ocorreu com muitos de nossos colaboradores, que narram a falta de acessibilidade e de metodologias que os contemplassem, o que somente tiveram acesso ao ingressarem no ensino superior conforme narra um dos sujeitos surdos:

As aulas eram todas falando, falando e falando. Eu ficava calado sem entender nada pois um profissional tradutor intérprete não tinha infelizmente os colegas me davam as respostas, mas na Ufersa no Letras Libras é diferente tenho amigos que sabem Libras alguns tem dificuldade em se comunicar, mas eu sempre ajudo com sinais vou dando dicas. Tem professores surdos que ajudam muito e intérpretes de Libras nas aulas e palestras. Então é muito bom ter acessibilidade para os surdos na Ufersa, eu me sinto muito satisfeito. (Colaborador surdo, 2023).

Por último para finalizar a entrevista foi perguntados aos alunos surdos sobre a acessibilidade nos espaços não escolares, em sua maioria os colaboradores frisaram que, infelizmente, a maioria dos ambientes públicos oferecem ainda um atendimento inacessível linguisticamente para os surdos, o que dificulta a interação social e prejudica seus direitos enquanto cidadão. Vale ressaltar que atualmente locais como na área da educação tem avançado quanto a acessibilidade da pessoa surda, assim como os bancos que atualmente têm-se adaptado ao tele-atendimento com intérpretes/tradutores de Libras, buscando garantir acessibilidade nesses espaços.

Constata-se que a acessibilidade linguística está em processo nos diversos espaços sociais, principalmente nas escolas, onde o sujeito deve desenvolver suas habilidades cognitivas junto aos demais alunos, porém isso não acontece, como destaca Oliveira *et al.* 2022 “As escolas ainda não estão preparadas para receber os surdos; fala-se muito em direitos adquiridos, mas é necessário que, ao ser incluído dentro do contexto escolar, o surdo tenha um ensino que respeite sua língua, de forma que venha priorizá-la em quaisquer conteúdos” (n. p.). Por outro lado, observa-se que ainda há necessidade das políticas públicas melhorarem para que outros locais também possam estar garantindo os direitos e cidadania do sujeitos surdo, e assim, não prejudicar o atendimento, mudando a realidade atual, que é o atendimento a partir da família ou do “voluntarismo”⁹ de terceiros para que haja a ação comunicativa nos serviços públicos e privados.

⁹ Termo utilizado para designar pessoas que atuam como voluntário.

As narrativas dos sujeitos surdos narram sua perspectiva de sofrimento e dificuldade durante seu desenvolvimento enquanto sujeito social, deparando-se por diversos obstáculos que ocasionou prejuízos no seu desenvolvimento social e educacional. De fato, é necessário que nós conheçamos essas narrativas para que as próximas gerações possam desfrutar de seus direitos no momento em que estiver presente na sociedade, desfrutando de todos os seus direitos como cidadão a qual é garantido por diversas leis gerais e específicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho abordamos sobre as narrativas autobiográficas dos alunos surdos do Curso Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Campus Caraúbas-RN, na qual os discentes narraram suas experiências de vida dentro e fora do contexto escolar. Sendo possível a partir disso perceber as relações sociais que permeiam a formação dos discentes surdos, estabelecendo assim, uma percepção sobre a trajetória de formação docente, e como as marcas desse processo influenciam na formação social e seu desenvolvimento quanto às suas percepções de mundo, suas aprendizagens e seu dia a dia em relação às suas interações com seus pares e a sociedade mista a qual estão inseridos.

Analisar as contribuições e as percepções quanto à formação acadêmica dos sujeitos, as metodologias e as relações que foram desenvolvidas ao longo desse processo educacional a qual é dotado de interações entre aluno-aluno e aluno-professor, e como essas marcas presentes na memória contribuem para formação humana do sujeito. Esse entendimento é essencial para que tanto a academia quanto a sociedade compreendam as relações humanas que permeiam o sujeito surdo, este que é participante, não integral, mas total da sociedade em que vivemos.

As memórias, percepções e discussões sobre os discentes surdos da UFERSA, possibilitam, além de tudo apresentar o lado humano, que por muito tempo foi incompreendido ou até mesmo esquecido pelo outro. Nisso, é importante destacar que mesmo com a pesquisa em andamento, podemos apresentar resultados satisfatórios, visto que, apresentar as narrativas dos sujeitos, suas histórias a partir da ótica de seu povo, mostrando um avanço, já que Perlin e Strobel (2014) registram que a história da comunidade surda foi escrita e narrada pelo povo ouvinte, o que aqui nesta pesquisa, quebramos esse paradigma e apresentamos narrativas de autoria surda.

Por fim, é importante ressaltar que a pesquisa continuará a conhecer outras narrativas dos sujeitos surdos, registrando e aprofundando os estudos por meio de entrevistas individuais e coletivas, que mostrarão outras possibilidades quanto a construção dos processos vivenciados

pelos sujeitos surdos, sendo ainda, possível através dos registros feitos em gravação a elaboração de um documentário que tem por objetivo apresentar essas narrativas tão importantes para o avanço e desenvolvimento da comunidade surda.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Regulamenta a **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**, a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 22 de dezembro de 2005; 184o da Independência e 117o da República.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo. Centauro 2006.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MARTINS, G. P. T. C. **Por um Brasil mais acessível: espalhe os sinais - LIBRAS**. 2016. Dissertação (Mestrado em Diversidade e Inclusão) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

OLIVEIRA, A. S. de A.; ABREU, C. S. de; BRAUNA, M. P. ; OLIVEIRA, N. S. OLIVEIRA, S. de. **Educação Especial: os desafios da inclusão de alunos surdos no contexto escolar**. Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 22, nº 18, 17 de maio de 2022.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Educação**. Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

PERLIN, G; STROBEL, K. **História cultural dos surdos: desafio contemporâneo**. Educar em Revista. Curitiba. Brasil, Edição Especial n. 2/2014, p. 17-31. Editora UFPR.

QUADROS, R. M. Estudos surdos I. Petrópolis, RJ. Arara Azul, 2006.

SOUZA, E. C. **(Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação in Memórias e formação de professores**. Salvador- BA. p. 58-74. 2007.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2014. 408 p.

SEVERINO. A. J. **Metodologia do trabalho científico**. Cortez Editora. 23ª ed. São

MIORANDO, T. M. Formação de Professores Surdos: Mais Professores para a Escola. In: Quadros. R. M. (Org.). **Estudos Surdos I**. Petrópolis, RJ: Arara-Azul. 2006. p. 76 -109.

PERLIN, G; QUADROS, R. M. Ouvinte: o outro ser surdo. In: Quadros. R. M. (Org.). **Estudos Surdos I**. Petrópolis, RJ: Arara-Azul. 2006.